

CONCURSO DE REDAÇÃO
2019

FALA, TERRÁQUEO!

O que te compete fazer?



COLETÂNEA
Fábulas, Contos e
Artigos de Opinião





EXPEDIENTE

COLÉGIO SANTO AGOSTINHO CONTAGEM

RELIGIOSO RESPONSÁVEL

Frei José Maurício da Silva, OSA

DIRETORA

Aleluia Heringer Lisboa Teixeira

GESTOR PEDAGÓGICO

Mauro Sérgio de Jesus

GESTOR ADMINISTRATIVO-FINANCEIRO

Geraldo Viana Filho

SUPERVISORES

Ana Maria Pereira Teixeira

Aparecida Debona Altoé

Rodrigo Pereira Mourão

CONSELHO EDITORIAL

COORDENADOR DE ÁREA

Jean Santos Otoni

BIBLIOTECÁRIA

Ana Paula Barbosa Mosqueira Oliveira

COMISSÃO JULGADORA

Ensino Fundamental I (3º, 4º e 5º ano)

Aline Cristina Caldeira Brant

Cláudia Márcia Neves Pereira

Elen de Cássia Assis Rabelo

Jane Eyre da Silva Andrade Santos

Juliana Álvares de Almeida

Patrícia Costa Ribeiro

Patrícia Macedo Mostafa de Moraes

Paula Cândida de Oliveira Agapito

Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano)

Flaviane Luz Fernandes

Jean Santos Otoni

Ensino Médio

Jean Santos Otoni

REVISÃO FINAL

REVISORES DE TEXTO

Bruno Emanuel Roldan

Loiany Camile Gomes

CORRETORES DE TEXTO

Ana Carolina Albergaria

Camila Lacerda Miranda

Juliana Domingues de Araújo Silva

Marcelo Augusto Silva



COLETÂNEA

Fábulas, Contos e Artigos de Opinião

APRESENTAÇÃO

Fala, terráqueo: qual é a parte que te cabe?

“Terráqueo” é um adjetivo que abrange tudo aquilo que é relativo ao planeta Terra. Somos todos terráqueos, juntamente com as outras espécies, também moradoras da nossa Casa Comum.

Há um consenso global entre os cientistas das mais diferentes áreas e países que a crise ambiental que estamos vivendo tem origem nas atividades humanas. Os nossos processos de produção, consumo e descarte são altamente predatórios. Afetamos o funcionamento dos ecossistemas vivos e deformamos a teia da vida, retirando dela o tempo necessário para a sua reconstituição. Sobrecarregamos a natureza com a nossa ânsia de ter sempre mais, com os nossos tempos lineares, industriais e velozes.

Muito tem sido discutido nas conferências internacionais, muitos relatórios são produzidos. Infelizmente, nosso tempo de reação não é condizente com as respostas práticas que precisamos dar. Estamos falando de estilo de vida, de consumo e de valores. Há mudanças no âmbito das nações, das grandes empresas e dos grandes produtores, mas também não podemos desconsiderar que podemos impactar o mercado com o nosso estilo de vida. O que iremos demandar? Com que intensidade e frequência? Tudo isso são sinais que, como consumidores, podemos enviar àqueles que produzem.

Fala, terráqueo! Queremos saber como você se vê nessa história e que outra história pode ajudar a contar.

Aleluia Heringer Lisboa Teixeira
Diretora do Colégio Santo Agostinho - Contagem

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta coletânea representa o resultado do concurso de redação intitulado **Fala, Terráqueo!**, promovido pela equipe de Língua Portuguesa e da Biblioteca Gregório Mendel, que envolveu desde os alunos do 3º ano do Ensino Fundamental até os da 3ª série do Ensino Médio. Esse projeto teve como objetivo desenvolver o gosto pela escrita, de forma a valorizar a produção textual autoral nas salas de aula.

A relevância desta coletânea está na materialização de textos que, produzidos com fins didáticos, estão sendo publicados em forma de livro. Sendo assim, a proposta provocou interesse nos estudantes, principalmente por se tornarem protagonistas da apresentação de uma escrita literária pautada por uma linguagem conotativa, no caso do Ensino Fundamental, e de uma escrita argumentativa crítica, no caso do Ensino Médio, tendo em vista o desenvolvimento de habilidades de produção de textos conforme seu estágio escolar.

Desse modo, os resultados desse trabalho são importantes não só para os professores, mas também para o autor/estudante, que pretende, por meio de sua escrita, interagir com o leitor a partir de temas correntes em nosso meio social. O material apresenta as redações finalistas do concurso, quais sejam, os melhores textos que buscam responder à seguinte pergunta: **Fala, Terráqueo! O que te compete fazer?**, bem como afirmar o trabalho desenvolvido pelos professores de Produção de Textos pertinente às séries dos estudantes.

Jean Santos Otoni
Coordenador de Área

Sara Batista Simões

1º lugar

3º Ano D – Ensino Fundamental I

A vida de Pingo

Era uma vez um cachorrinho chamado Pingo, que nasceu em Contagem, no dia 08/05/17.

Quando ele era filhote, conheceu uma família muito grande e adorava sair para passear com ela.

Certo dia, Pingo foi abandonado, porque teve uma doença que o fazia ter um cheiro muito ruim, e uma pessoa da família dele teve uma alergia muito forte.

Ele ficou muitos dias chorando, porque se sentia sozinho, sentia fome e também sentia saudades da família.

Em uma bela manhã, ele viu um cachorro muito grande. Pingo começou a chorar, porque estava com muito medo do outro cachorro.

A dona do outro cachorro resolveu adotar Pingo, mas, quando ele chegou à casa dos novos donos, começaram a chamá-lo de Floquinho, porque ele era bem pequeno e todo branquinho.

E Floquinho viveu feliz para sempre com sua nova família.

FIM.

Gabriella Domingos da Cruz Rezende

2º lugar

3º Ano C – Ensino Fundamental I

Meu melhor amigo!

Um dia, um homem chamado Frederico estava caminhando, até que encontrou um filhote de cachorro. Ele nasceu na rua. Frederico resolveu adotá-lo, levou-o para a casa e deu a ele o nome de Bob.

Frederico deu comida e banho e fez uma casinha para Bob. Eles caminhavam todo dia; quando Frederico tirava férias, eles iam viajar e se divertiam.

Um dia, Frederico resolveu se casar com Laura, uma amiga de trabalho, eles ganharam um filho e formaram uma família.

Quando seu filho cresceu, todo dia Bob e Frederico buscavam o menino na escola. Bob cresceu e ganhou filhotes, e Frederico deu-os para seus parentes.

Um dia, Bob ficou doente, e Frederico levou-o para o veterinário; Bob passou por uma cirurgia e ficou tudo bem.

Certo dia, Frederico abandonou Bob, pois o cachorro já estava ficando mal-educado; Bob ficou triste; ele ficou com fome e começou a comer lixo da rua. Depois, uma menina encontrou Bob, resolveu levá-lo para casa e deu um lar, comida, banho e brinquedos. A menina nunca aceitou que alguém abandonasse um animal, então juntou pessoas para fazerem uma campanha; e a campanha então foi crescendo, e não teve mais abandono de cãesinhos no bairro!

Maria Eduarda Silva França
1º lugar
4º Ano D – Ensino Fundamental I

Manifestações e ações

Em um bosque muito bonito, havia uma arara, seu nome era Zuzu. Ela morava com sua família. Eles estavam passando por muitas dificuldades, pois o único rio que havia ali estava ficando cada vez mais e mais poluído. Você deve estar se perguntando: “Mas por que o rio está ficando poluído, se o bosque é tão bonito?”. A água desse rio vem de uma cidade I M U N D A.

Zuzu já estava ficando preocupada, porque alguns membros de sua família já estavam muito doentes. E só havia uma maneira de esse caso se resolver. Zuzu teria que ir até a montanha buscar água em um poço, pois era o lugar mais próximo do bosque. Então Zuzu saiu às pressas. No caminho, Zuzu encontrou uma girafa que estava indo até a tal cidade I M U N D A, porque haviam matado o seu pai, e ela desconfiava do caçador de lá.

Quando Zuzu chegou lá, era tarde demais, e sua avó havia falecido por causa da falta d’água. Sua conhecida girafa chamou suas irmãs para fazerem um “congestionamento”. Uma menina que estava no congestionamento entendeu que a girafa queria algo, então, na escola, juntou-se com seus colegas para fazerem uma manifestação, pois, em sua casa, a água já estava começando a sair estranha.

Alice G. Prates

2º lugar

4º Ano D – Ensino Fundamental I

O peixe e a foca

Em um dia, um homem foi comprar um lanche para o seu almoço, como o seu carro estava estragado, resolveu ir caminhando. Na volta para a sua casa, ele jogou a embalagem na rua, que caiu no bueiro.

Dias depois ocorreu uma forte tempestade, que inundou muitas casas, lojas e escolas, e a embalagem caiu em um mar. Um peixe que estava nadando com muita fome observou aquela embalagem e pensou que fosse comida e a comeu.

Depois de um tempo, o peixe ficou doente e estava muito fraco. Quando o peixe achou comida de verdade, veio uma foca e comeu o peixe. Como o peixe estava doente, a foca também adoeceu e morreu.

Moral: Não jogue lixo na rua.

Paulo Miguel de Sousa e Silva
1º lugar
5º Ano D – Ensino Fundamental I

Cadê todo o verde?

A floresta estava cinza! Os animais estavam desaparecidos! Cadê todas as coisas que deveriam aparecer nesse conto? Era para ser um conto em uma floresta encantada, onde teria um conflito entre a raposa e uma tartaruga! Mas, cadê eles?

– Foram procurar outra floresta – disse a lagartixa desanimada para o narrador.

– Como assim? Há pouco tempo atrás estava tudo tão verde... – disse o narrador.

– É por causa do homem. Ele pega todos os recursos da floresta para o comércio, até as florestas dos contos não estão a salvo. Agora somos só eu e as moscas aqui – disse a lagartixa.

Então, o próprio narrador fala para si mesmo pensando em alguma maneira como as florestas ficariam normais e ele conseguiria narrar o conto.

– Já sei! – disse o narrador.

Ei, você! Sim, você que está lendo este conto. Por favor, ajude a salvar as florestas para que o mundo seja mais bonito e eu consiga narrar o conto que eu tanto quero.

Então nos ajude, faça com que os animais voltem para as florestas, que ela volte a ser verde! Toda a ajuda vale... Você pode mudar o mundo!

Ângelo Lucas R. Ildefonso
2º lugar
5º Ano A – Ensino Fundamental I

O PROEAN

Ângelo estava assistindo ao noticiário do dia com sua família, quando, de repente, começou a falar de incêndio nas florestas, extinção dos animais e poluição do ar.

No dia seguinte, Ângelo foi para a escola chateado com as notícias. Ao chegar lá, contou o que ouviu aos seus amigos, que ficaram surpresos com a notícia.

No recreio, eles se reuniram para ver o que poderiam fazer e tiveram a ideia de fazer uma campanha para ajudar a natureza, mas eles não sabiam que nome dar à campanha. Todos pensaram muito e chegaram à conclusão de um nome: PROEAN, que significa Programa Educacional de Ajuda à Natureza. O sinal do recreio tocou e todos voltaram para a sala.

Quando a aula acabou, eles voltaram para casa e contaram para os pais sobre a ideia. Os pais gostaram e quiseram apoiar a ideia dos filhos. E, então, todos os sábados eles se reuniam para fazer mutirões de limpeza em praças e parques públicos. A ideia funcionou muito bem, pois, em menos de dois meses, havia 200 apoiadores; eles também ganharam o apoio da prefeitura.

Rafaella de Souza Guerra
1º lugar
6º Ano C – Ensino Fundamental II

Lixo na praça

Luísa estava mexendo no celular e chamou os seus amigos para irem brincar na praça. Todos concordaram em ir e, ao chegarem, se surpreenderam: a praça estava toda suja, cheia de lixo jogado no chão. As pessoas não poderiam sentar nos bancos, pois, embaixo deles, estava cheio de lixo, e havia moscas ao redor. Antes do lixo, a praça estava limpa, os bancos de madeira, o pequeno lago, os brinquedos, tudo estava limpo. Então Luísa disse:

– Temos que recolher esse lixo! A praça está imunda!

Quando começaram a recolher o lixo, as outras pessoas continuavam jogando o lixo no chão.

– Assim não dá! Se, quando não recolhermos o lixo, as pessoas sujarem novamente, não vai mudar nada! – disse Luísa.

– Temos que conscientizar as pessoas!

Então, as crianças começaram a fazer cartazes, para que as pessoas não jogassem lixo no chão. E para que as pessoas não jogassem lixo no chão, fizeram também algumas lixeiras com caixas de papelão e, todo fim de semana, recolhiam o lixo e retornavam com as caixas de papelão vazias.

– Deu certo! As pessoas pararam de jogar lixo no chão e agora a praça está limpa!

As crianças ficaram muito felizes e, quando iam brincar, não precisavam mais se preocupar com o lixo na praça, apenas recolhiam o lixo para usar as caixas de papelão novamente.

Maria Clara Avelar

2º lugar

6º Ano A – Ensino Fundamental II

Ajude o meio ambiente!

Carlos e seus amigos foram para a praça de seu bairro para brincarem. Chegando lá, todos ficaram de boca aberta! A praça estava tomada por lixo, não tinha espaço algum para brincar. Carlos ficou curioso para saber quem era o responsável por aquilo.

Então, ele resolveu se esconder atrás de uma lixeira que, por sinal, estava vazia. Caramba! Carlos viu que os próprios moradores estavam jogando lixo nas ruas; ele não sabia como aquelas pessoas mal-educadas que jogavam o lixo nas ruas ainda tinham coragem para falar que não queriam mais o lixo ali.

Carlos ligou para o seu tio que é lixeiro, o qual levaria o caminhão para recolher o lixo. Enquanto isso, Carlos e seus amigos foram juntando o lixo. Amanda, que estava ajudando-os, resolveu ir à sua casa fazer um cartaz para as pessoas jogarem o lixo no lugar certo.

O tio de Carlos chegou e disse que estava com vontade de ir ao banheiro e lá foi ele. Carlos e seus amigos terminaram de juntar o lixo, mas... ficaram presos dentro do caminhão! O tio dele chegou e pensou que eles tinham terminado, assim trancou o caminhão.

Carlos tinha problemas de respiração; tinha que usar a bombinha. O oxigênio estava acabando, e ele teve um desmaio. Seus amigos gritaram por ajuda e, por fim, o tio dele conseguiu perceber e os levou para o hospital. Carlos já estava no hospital se recuperando; Amanda chegou ao hospital, então resolveram dar ao cartaz o seguinte título: "Não maltrate o meio ambiente, uma pessoa tentou ajudar e quase morreu".

Então, depois desse dia, as pessoas ficaram assustadas, e o lixo diminuiu em uma quantidade muito boa. Mas ainda falta mais consciência na cabeça dessas pessoas, e o lugar ficou mais parecido com o que era antes.

Ana Luiza Cordeiro

1º lugar

7º Ano D – Ensino Fundamental II

A chuva de lixo

Era para ser mais uma manhã qualquer naquela cidade pequena, mas começou a chover algo peculiar: estava chovendo lixo. Os moradores que entravam debaixo da chuva saíam machucados e doentes, eles ficaram impressionados. Eu parei, vi tudo aquilo e me perguntei:

– De onde veio esse lixo?

A chuva durou quase um dia, e eu não parava de me perguntar de onde viera todo aquele lixo. Comecei a procurar e estudar o céu. Pesquisei sobre o espaço, mas nada justificava aquela chuva.

A cidade ficou poluída, suja, e nós, moradores, estávamos limpando e trabalhando para transformar a cidade em um local limpo novamente.

Os dias se passaram, e cada vez mais eu me estressava; procurava, mas não encontrava o que seria a chuva. Até que um dia, em uma das minhas pesquisas, vi uma propaganda do site da NASA e resolvi acessar. No site tinha um texto falando sobre lixo espacial, então comecei a ler. Dizia sobre o lixo que estava no espaço e que estava lá por conta dos lançamentos de foguetes e naves.

Agora sabia de onde vinha, mas não como evitar isso.

Estudei e li mais um pouco, e no site havia as soluções, que seriam foguetes à base de luz solar, ou mais resistentes para não soltarem peças.

Entendi tudo; espalhei a notícia para toda a cidade e, como não poderíamos fazer nada, ficamos mais tranquilos e esperamos por providências o mais rápido possível.

Laura Diniz Melo Rodrigues
2º lugar
7º Ano A – Ensino Fundamental II

Chuva diferente

Certo dia, acordei com o barulho da forte chuva que estava caindo, mas não era uma chuva comum, pois ela trazia junto alguns pedaços de metais e outros elementos (lixo). As pessoas que saíram para as ruas acabaram sendo atingidas pelos pedaços de metais e acabaram se machucando.

Então, resolvi analisar alguns metais que tinham sido trazidos junto com a chuva. Para isso, deixei a janela aberta, e parte daquele lixo entrou dentro da minha casa. Pude perceber que o metal era muito pesado e forte, mas não consegui entender, a partir dessa análise, como isso estava caindo do céu.

Quando a chuva acabou, a cidade ficou em um estado deplorável. Algumas pessoas estavam machucadas nas ruas, e diversas casas destruídas, gerando um verdadeiro caos. Eu resolvi procurar especialistas para que eles me dissessem o que era construído com aquele tipo de metal, e eles me falaram que aquele metal era utilizado para a construção de satélites e naves espaciais e que aquela chuva trazia junto lixo espacial que retornou à Terra.

Os especialistas também me disseram que isso não é muito raro, mas, para que isso não ocorra novamente, é preciso a construção de satélites e naves espaciais com outros materiais, mas isso gastaria muito dinheiro.

Yasmin Emerenciana Soares

1º lugar

8º Ano B – Ensino Fundamental II

O uso do plástico

Meu avô era um bom homem, teve a brilhante ideia de substituir o marfim de elefante pelo plástico para salvar a vida de muitos elefantes. Mas ele acabou criando algo que matou milhares de outros animais. Mesmo sabendo que não foi essa sua intenção, eu ficava me culpando e queria mudar isso.

Um dia, em meu trabalho, fiquei pensando no assunto e assim decidi fazer, ali mesmo, uma campanha contra o uso do plástico. Fui à mesa de meus colegas contar os malefícios que o plástico trazia ao meio ambiente e, dessa maneira, fiz todos substituírem seus produtos. Vi que poderia fazer muito mais do que aquilo, então inovei em uma campanha antiplástico na cidade. Assim, uma pessoa me perguntou como iria substituir o plástico.

Passei horas pensando em uma solução e chamei um amigo cientista, e começamos a desenvolver um produto como o plástico, mas que se dissolveria na água. Depois de uma semana, apresentei o projeto, e muitas empresas vieram falar comigo. Quando vi, já estava ganhando muito dinheiro com isso.

Após um mês, consegui juntar muito dinheiro e fiz outra campanha, essa era de todos doarem apenas R\$ 10,00 para assim conseguir limpar o máximo de rios e mares possíveis. Eu continuava ganhando dinheiro, sempre que dava, fazia a campanha. Depois de um tempo, todos estavam usando do meu plástico, e tinha conseguido limpar todo o lixo.

Mônica Xavier Viegas

2º lugar

8º Ano A – Ensino Fundamental II

O plástico

Era sábado de manhã quando vi as imagens horríveis pelo telejornal, novamente várias criaturas marinhas morrendo por engolirem plástico, ficarem presas em plástico, plástico, plástico... Eu já estava farto de destruição! Precisava procurar uma saída, algo que substituísse o plástico por algo que não afetasse o meio ambiente. Essa tarefa não era mais do que a minha obrigação, já que o problema veio da minha família, de meu tataravô.

Tarde da noite, entrei no laboratório da faculdade, eu tinha um passe, portanto poderia entrar sempre que precisasse. Acendi as luzes, abri meu armário de compostos químicos e selecionei alguns para colocar sobre a mesa. Experimentei diversas misturas, observei-as no microscópio, suas reações, transformações e nada; não conseguia isolar uma mistura que me satisfizesse. Já havia amanhecido quando eu saí do local, indignado sem o resultado.

Quando fui trabalhar no dia seguinte, ouvi no rádio sobre uma nova descoberta: por acidente, um aluno derramou o elemento X, descoberto há poucas semanas, que conseguiu solidificar minha mistura da noite anterior, transformando-a em uma espécie de plástico, elástico, porém irregular e fino.

Testes foram feitos, e uma sacolinha do meu material – eu ainda não escolhera o nome –, descobriu-se, aguentava cerca de 800 toneladas sem se romper e se decompunha em 15 dias, deixando apenas vapor de água e gás oxigênio como resíduos. Na água, poderia se dissolver em cinco dias, não faria mal para nenhuma espécie marinha e era bom condutor térmico, tornando-se uma alternativa para latinhas.

Faturei dinheiro com a descoberta e com a aquisição por empresas de descartáveis, mas a renda foi doada para salvar os animais marinhos.

Gabriela Viana dos Santos

1º lugar

9º Ano C – Ensino Fundamental II

Desespero

Era um dia normal de trabalho, tudo calmo e sereno. Eu estava no meu plantão, dedicando-me ao emprego que eu tanto gostava, quando todos os bombeiros começaram a correr desesperadamente, gritando. Puxaram-me e empurraram-me exclamando: “Vamos! Rápido!”. Eu não entendia nada, mas, em meu treinamento, fui orientado sempre a seguir o fluxo dos bombeiros, mesmo que não soubesse o que estava acontecendo. Assim fiz.

Colocaram-me em um helicóptero, e voamos diretamente para Brumadinho, para a Mina do Córrego do Feijão. A partir desse momento, vivi algo surreal, uma tragédia horrível que nunca pensara presenciar. Quando chegamos, não havia nada além de lama e mais lama. Lama que nos enterrava em desespero.

Fui orientado a seguir pela busca de corpos, à margem do rio, onde inicialmente poderíamos encontrar a maior parte dos sobreviventes. Nas primeiras horas de busca, encontramos muitos corpos e, cada vez mais, encontrava; mergulhava em pensamentos em meio ao mar de lama; pensava nas famílias, principalmente nas dos sobreviventes que ficariam imensamente felizes ao recebê-los salvos em casa. Pensava também nas famílias das vítimas, que ficariam arrasadas e sem rumo. Era inacreditável tamanha tragédia causada pela corrupção, pela falta de inspeção da barragem.

Ao final de muito esforço, encontramos 366 sobreviventes, 206 mortos e ainda havia cerca de 107 desaparecidos. Porém, todos reconheceram e exaltaram nosso trabalho, e, após esse acontecido, orgulhei-me mais ainda de ter escolhido o emprego certo para minha vida. O que fizemos foi não só por obrigação, mas também por amor e sede de salvar mais e mais vidas.

Lucas Oliveira Rios
1º lugar
1º série B – Ensino Médio

O nosso grande consumo do planeta

O ato do consumo de elementos naturais não é um problema, visto que necessitamos de alimentos e água para sobreviver, já que eles são retirados do planeta para nosso consumo. Com o passar dos anos, é vista uma sociedade consumista e descontrolada, que desconsidera qualquer dano que pode ser causado ao ecossistema.

É verdade que a população mundial cresceu e ainda continua crescendo, segundo a ONU, estima-se que a população mundial até 2030 deve ultrapassar 8,5 bilhões de habitantes no planeta. Esse aumento é bastante significativo e quer dizer que serão mais humanos para se apropriarem dos recursos terrestres. Então, é notório que cada pessoa deve alterar uma prática pessoal. Sendo assim, por que não começar pela alimentação?

Muito além da exploração animal, a pecuária promove danos ambientais em escalas estratosféricas, como, por exemplo, pelo consumo elevado de água. Estima-se que sejam necessários 2,5 mil litros de água para produzir uma libra de carne (0,45 kg). Uma boa solução é a alimentação vegana, já que a cada dia uma pessoa com dieta livre de alimentação animal poupa 1,1 mil litros de água. Imagine se o mundo todo abolisse a prática carnívora? Além de livrar os animais do sofrimento, economizaríamos muitos recursos naturais.

Devemos concluir que, para salvar o planeta Terra, é necessário agir individualmente, alterando práticas de cada um. Contudo, além da alteração da dieta pessoal, devemos parar de consumir produtos inúteis e de origem não ecológica, como, por exemplo, não utilizar canudos plásticos e talheres descartáveis, que, por sua vez, vão para os oceanos.

Júlia Werneck dos Santos Monteiro
2º lugar
1º série A – Ensino Médio

Não precisamos fazer muito para minimizar os nossos impactos no planeta

Sabemos, claramente, que estamos consumindo cada vez mais e que esse consumo gera, conseqüentemente, muitos impactos no planeta. Podemos destacar o aquecimento global, o desmatamento, o consumo excessivo de produtos obsoletos e seus descartes, que são incorretos, poluição do meio ambiente e o derretimento das geleiras. Por isso, o que podemos fazer para minimizar os nossos impactos e suas respectivas conseqüências?

Pode até parecer clichê, mas sabemos que não precisamos de ações revolucionárias para minimizar nossos impactos, gerados pelo consumo no planeta. Demorar menos tempo no banho, pegar uma carona, usar o transporte público, ou comprar eletrônicos que possuem o selo de que gastam menos energia são atitudes que já diminuem o impacto que geramos no planeta.

Além disso, temos que ter autoconsciência e discernimento sobre as nossas próprias atitudes, muitas vezes adquirimos produtos sem necessidade, apenas para estarmos atualizados ou seguir padrões. Portanto, se basearmos nossas decisões no que realmente precisamos e não no que queremos, com certeza contribuiremos para a diminuição dos impactos.

Por conseguinte, devemos ter consciência de nossos atos e saber pequenas atitudes que possibilitam a diminuição dos impactos negativos que produzimos no planeta. Além disso, não basta só nos conscientizarmos, é preciso também espalharmos as atitudes corretas para os outros.

Marcos Vinícius Oliveira Pompeu

1º lugar

2º série C – Ensino Médio

Consumo desenfreado

De acordo com as mídias sociais e com os anúncios publicitários que nelas circulam, o consumo exagerado se tornou o meio essencial para se alcançar a felicidade e o “status” na sociedade atual. Com isso, a obsolescência programada e o lançamento contínuo de novos produtos no mercado reforçam o consumismo como uma prática saudável e benéfica e, assim, levam-nos a um ciclo sem fim, no qual somos induzidos a termos sempre os melhores bens materiais possíveis para que sigamos aceitos e reconhecidos socialmente. Portanto, o dinheiro e o poder de compra seriam a forma mais eficaz de se intermediar as relações humanas.

Seriam mesmo? O modelo industrial vigente, embora seja capaz de produzir um grande volume de mercadorias em um curto período de tempo, é responsável por causar inúmeros impactos ambientais, devido à emissão de gases poluentes e à necessidade crescente de retirada de matéria-prima do meio. Ademais, o consumo exagerado é uma das causas do exorbitante contingente de lixo gerado, graças ao frequente descarte de produtos antigos e obsoletos. Em virtude disso, faz-se fulcral a emergência de correntes ecológicas de pensamento, como o ecodesenvolvimento, que prega conciliar o desenvolvimento com a preservação natural, e o cinismo, uma corrente filosófica que defende uma vida simples sem o excesso de bens.

Penso que a prática comercial e o consumo têm sua importância social e econômica, uma vez que formam a base da renda de vários indivíduos e permitem o desenvolvimento tecnológico devido à concorrência do mercado. Entretanto, é essencial que saibamos lidar com o meio ambiente de forma consciente, de modo a adotar práticas que permitam, simultaneamente, o consumo e a preservação ambiental. O Japão, por exemplo, por ser um país pequeno e com baixa disponibilidade de recursos naturais, adota a reciclagem de embalagens e produtos descartados na indústria, fato que permite a continuidade do consumo e evita que mais recursos sejam retirados da natureza.

Portanto, concluo que, embora o consumo seja difundido em meios de comunicação como forma de alcançar a realização pessoal e social, pode ser caracterizado como um pensamento ultrapassado. Isso porque é antiético pensar somente no bem-estar da sociedade atual e deixarmos o mundo poluído e ambientalmente desequilibrado para as gerações futuras. Por isso, retomo a reciclagem e o ecodesenvolvimento como caminhos para se apaziguar os danos ambientais causados pelo consumo desenfreado.

Sofia Siman Salema
2º lugar
2º série B – Ensino Médio

Nosso consumo e a degradação da natureza

A natureza está em um processo de degradação em ritmo acelerado. Normalmente, colocamos a culpa desse problema nas indústrias e assumimos que não podemos fazer nada. No entanto, cada um pode contribuir com pequenas ações para a reconstrução do que já foi destruído e para evitar maior devastação. Além disso, cabe aos consumidores cobrar a fiscalização das ações das empresas.

Em primeira instância, há diversas atitudes que cada indivíduo toma que afetam negativamente o meio ambiente. Ao tomar um banho longo, escovar os dentes ou lavar a louça com a torneira aberta, a quantidade de água limpa que é desperdiçada é extremamente grande. Sendo assim, essas pequenas atividades diárias precisam ser controladas de maneira mais eficiente. É necessário promovermos a economia desse recurso o máximo possível.

Em segunda instância, é essencial considerarmos os inúmeros impactos que outros comportamentos frequentes provocam. Ao analisarmos, por exemplo, a quantidade de alimento desperdiçado, torna-se perceptível o tanto de água desperdiçada, a quantidade de gases poluentes liberados sem necessidade e o quanto os processos ecológicos foram prejudicados. Dessa forma, é necessário evitarmos esse gasto excessivo, além de exigirmos fiscalização mais rigorosa para garantir que as grandes corporações sigam corretamente as leis de preservação da natureza.

Por conseguinte, com o controle de nossas próprias ações, contribuiremos muito para a redução do desgaste da natureza. Devemos considerar desde o nosso cotidiano até nossa relação com a industrialização. Ao fazermos isso, iremos minimizar o impacto do nosso consumo no planeta.

Gabriella Vitória de Souza
1º lugar
3º série A – Ensino Médio

A utopia do desenvolvimento sustentável

O desenvolvimento sustentável tornou-se um tema recorrente na sociedade perante os impactos gerados a partir da Revolução Industrial. Dentre eles, destaca-se o consumismo, possibilitado pela produção em massa de mercadorias de tal processo. Nesse sentido, a sustentabilidade mostra-se um conceito quase utópico, uma vez que utilizar recursos terrestres sem prejudicar o meio ambiente e as gerações futuras tem como maior obstáculo ninguém menos que o próprio ser humano. A população como um todo tem em mente que aderir ao desenvolvimento sustentável é ajudar o meio ambiente, a natureza, quando a não aderência ao conceito ameaça, acima de tudo, o ser humano.

Inicialmente, penso ser extremamente pertinente retomar que a produção excessiva, estimulada pelo sistema de obsolescência programada, o qual provoca a rápida substituição de mercadorias por aquelas de modelos mais atuais, é um processo autodestrutivo. Isso ocorre porque o planeta Terra é limitado e chegaremos a um ponto em que não haverá mais lugar disponível para depositar a quantidade de lixo que produzimos. No entanto, o consumismo perpetua-se, estimulado por uma sociedade que supervaloriza a acumulação de bens. Assim, infere-se a pergunta: como minimizar os impactos do consumo e atingir o desenvolvimento sustentável?

Infelizmente a resposta para a pergunta não é tão simples assim. Vivemos em um mundo geocêntrico, certo? Errado! Digo, socialmente a teoria aristotélica nunca esteve tão correta na contemporaneidade. O homem está, sim, no centro, mas não por estar na Terra, à qual muitas vezes nem lembramos pertencer, mas por ele mesmo. A humanidade é antropocêntrica. Nesse sentido, hipervalorizamos o “ter” e deixamos de lado o que de fato mais importa: ser. Assim, buscamos a “eudaimonia”, isto é, a felicidade na compra, na acumulação de aquisições que se torna periódica, a fim de afirmarmos nossa adequação ao padrão mais elevado. O resultado disso? Lixo: o reflexo do nosso interior, posto em último plano, e a causa de uma futura e bem provável extinção da humanidade, que destrói seu próprio hábitat, este que, certamente, se recuperará com a nossa extinção.

A saída para evitarmos que isso aconteça reside unicamente na ação humana, responsável, primeiramente, por todo o problema. Temos que tomar consciência de que reduzir o consumo não é ajudar o ambiente que sobrevive sem nós, mas a nós mesmos. Só assim atingiremos de fato o desenvolvimento sustentável, construindo um mundo melhor e colaborando para o bem comum.

Clara Santos Furbino
2º lugar
3º série A – Ensino Médio

Nosso dedo verde

Na atemporal obra literária infantojuvenil chamada “O menino do dedo verde”, o personagem principal, Tistu, nasce com um dom: tudo o que ele toca com seu polegar se transforma em flores. Apesar do contexto imaginário, lúdico, a mensagem de querer tornar o mundo melhor é cristalina e leva a uma reflexão profunda acerca das ações de cada um na mudança de hábitos a favor do planeta.

A despeito de toda a conscientização ambiental promovida por diversos veículos de comunicação, muitas empresas e até mesmo o próprio Estado insistem em perpetuar uma política de desperdício de materiais e poluição das águas e solos. Infelizmente, o negócio é a atividade-fim de muitas iniciativas públicas e privadas na atualidade, conflitando dois interesses: conseguir maior lucro e promover a sustentabilidade na produção. A escolha de um deles é necessária, e não surpreendentemente a primeira opção é a favorita.

Não obstante, os próprios meios de comunicação que promovem conscientização ambiental são responsáveis pelo consumo desenfreado da população. Em um eterno paradoxo, o que realmente perpetua é a escolha das empresas detentoras dos serviços midiáticos e do próprio lucro que estes obtêm com os anúncios.

Compete utilizar, então, um ditado extremamente comum e clichê, mas que ainda parece não ter sido internalizado pelos consumidores: “Se o mundo não muda, você é quem muda o mundo”. Como isso é possível? Com o nosso dedo verde. Não precisam nascer flores dele, e sim boas ações a favor do planeta, seja através da mudança de pequenos hábitos (aqueles famosos, como separar os tipos de lixo, dar o destino certo a eles, reciclar), seja por meio de campanhas de conscientização entre família, amigos, conhecidos. O mundo precisa de ações verdes para que a sustentabilidade possa florescer.





